



# Blumenau em cadernos

TOMO XXVII

\*

Maio de 1986

\*

Nº. 5

## A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", editora desta revista, torna público o agradecimento às empresas abaixo relacionadas que, visando garantir a permanente regularidade das edições de "Blumenau em Cadernos", tomaram a si o encargo financeiro na restauração total das nossas oficinas gráficas que haviam sido parcialmente destruídas nas enchentes de julho de 1983:

COMPANHIA HERING

COMPANHIA TEXTIL KARSTEN

MAFISA — MALHARIA BLUMENAU S/A.

CREMER S/A. — PRODUTOS TÊXTEIS E CIRÚRGICOS

MAJU INDÚSTRIA TEXTIL LTDA.

SUL FABRIL S/A.

EMPRESA AUTO VIAÇÃO CATARINENSE

LOJAS HERING

### **COLABORADORES ESPONTANEOS**

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" agradece aos abaixo relacionados que, espontaneamente, contribuíram com recursos financeiros para garantir a estocagem de papel necessário à impressão desta revista durante o corrente ano:

DISTRIBUIDORA CATARINENSE DE TECIDOS S/A.

MOELLMANN COMERCIAL S.A.

TIPOGRAFIA E LIVRARIA BLUMENAUENSE S.A.

BUSCHLE & LEPPER S.A.

CIA. COMERCIAL SCHRADER S.A.

JOÃO FELIX HAUER

MADEIREIRA ODEBRECHT

LINDNER, HERWIG SHIMIZU - ARQUITETOS

MÓVEIS ROSSMARK S.A.

ARTUR FOUQUET

JOALHERIA E ÓTICA SCHWABE LTDA.

PAUL FRITZ KUEHNRIK

CASAS BUERGER

# BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXVII

Maio de 1986

Nº. 5

## SUMÁRIO

Página

Aspecto sócio-econômico da grande Blumenau na década de 1930	130
Figuras do Passado — Christiana Elisa Barreto ou Christiana Deeke Barreto — Da. Crista .....	135
Autores Catarinenses .....	139
“Hospital Santo Antônio” .....	142
Subsídios Históricos — Coordenação e revisão: Rosa Herkenhoff	146
Tiro ao alvo: uma tradição secular .....	148
Aconteceu — Abril de 1986 .....	151
Basílio C. de Negreiros, um mito histórico? .....	154
Centro Catarinense do Paraná .....	157
BLUMENAU — Texto extraído do livro “Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana” de PAUL SINGER .....	158

## BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

*Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina*  
Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

Diretor responsável: José Gonçalves - Reg. n.º. 19

ASSINATURA POR TOMO (12 NÚMEROS) Cr\$ 20.000,00

Número avulso Cr\$ 2.000,00 -- Atrasado Cr\$ 3.000,00

Ass. p/o exterior Cr\$ 50.000,00 mais o porte Cr\$ 10.000,00 total Cr\$ 60.000,00

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal, 425 - Fone: 22-1711

89.100 - B L U M E N A U - S A N T A C A T A R I N A - B R A S I L

## *Aspecto sócio-econômico da grande Blumenau na década de 1930*

(Der Urwaldsbote: ano 44 - nº 7 - Sexta-feira, 24 de julho de 1936)

**Número especial, comemorativo do DIA DO COLONO — Nosso Dia — publica na primeira página um artigo escrito pelo Editor do Jornal o Senhor Arthur Koehler sob o título GRANDE BLUMENAU:**

“Não só um conceito geográfico, mas também uma região econômica fechada e criada pela natureza.

Um desenvolvimento econômico depende também num país colonial como o Brasil de certas condições. Se as últimas são seguidas o desenvolvimento se efetuará em vias sadias, mas se sofrerem restrições isto se vingará no futuro seriamente.

Nós sabemos que o fundador de nossa colônia Dr. Hermann B. Otto Blumenau não agiu sem um planejamento em seus estudos e objetivos de colonização. Ao contrário, este grande colonizador em terras sulamericanas seguiu aqui, como era a sua natureza, seus planos bem analisados realizando seu programa de colonização somente depois de pesar todos os prós e contras. Como chegou Dr. Blumenau realmente a pensar justamente no sul do Brasil? De suas anotações sabemos pormenores a este respeito. Nos anos de 1842/43 Dr. Blumenau dirigiu como químico uma fábrica de produtos químicos em Braunschweig e para conseguir importantes concessões viajou a Londres em 1844. Nesta ocasião travou conhecimentos com o Cônsul Geral J. Sturtz, que chamou sua atenção para o Sul do Brasil como a região mais adequada para uma colonização.

Não influi na narrativa men-

cionarmos que este mesmo senhor nos futuros objetivos e colonização do Dr. Blumenau revelou-se seu inimigo. Com a idéia de ver e sentir uma vez a terra e o seu povo sob o Cruzeiro do Sul e estudar os problemas de colonização vem o Dr. Blumenau ao próprio local, o Brasil. Só podemos mencionar em poucas palavras como o Dr. Blumenau preparou-se depois de inúmeras dificuldades por fim pisar esta terra. Uma coisa é certa não somente estudou as condições colonizadoras do Estado vizinho Rio Grande do Sul, mas também estudou atentamente a mais antiga colonização de nosso Estado, São Pedro de Alcântara.

No ano de 1828, não muito distante da capital do Estado foram instalados os primeiros imigrantes alemães. A atenção do Dr. Blumenau foi chamada naquela ocasião para o fato de que aqui já falava-se novamente em partida e que a meta era a região norte do Vale do Itajaí. Se pudermos dar crédito às fontes históricas a região portuária de Itajaí fora elevada à condição de Freguesia em 1820, a Colonização especialmente de Belgas, no entanto, começou mais tarde, e bem acima de Itajaí. Verdade é que, a Freguesia de São Pedro Apóstolo é o lugar mais antigo colonizado no Vale do Itajaí.

Provavelmente foi em São Pedro de Alcântara que o Dr. Blumenau certificou-se de que estava errada uma colonização sem grandes possibilidades de estender-se. Pouco tempo depois ele fez uma viagem mais ou menos de aventura de expedição para o Porto de Itajaí, viajando a cavalo ou de canoa, ou mesmo a pé. O Grande Rio que desembocava no mar, para ele foi por si, uma recomendação para os seus projetos. No ano de 1850 iniciou-se a verdadeira colonização de Blumenau.

Sua forma de penetrar na nova região é conhecida de todos, e em pouco tempo ele e seus companheiros de viagem alcançaram a fronteira da primeira parte. Subida, onde as águas do Rio Itajaí-Açu quebram em selvagens cataratas a Serra do Mar e onde poucos quilômetros mais acima vêm o Rio Hercílio e o Rio Braço do Oeste. Uma coisa estava clara que este grande fluvial vale seria uma área ideal para colonizar e fixar milhares de pessoas. A possibilidade de usar o próprio rio como meio de transporte foi um dos aspectos ideais vislumbrando o Dr. Blumenau.

Primeiro havia trabalho suficiente de abrir esta terra para a colonização, estradas foram abertas, não só ao longo do Rio mas, em todas as direções e assim em pouco tempo surgiram os vales férteis da Itoupava, Rio do Testo e o Benedito com a colonização do povo vindo da região nórdica.

Mesmo que a natureza cuidou de uma comunicação com a zona do mar, tão difícil era o acesso com o planalto serrano, uma região desconhecida e intacta. Mas Dr. Blumenau também venceu esta etapa, ainda no seu tempo de

Diretor da Colônia, na pessoa de **Emil Odebrecht**, agrimensor encontrou um fiel batalhador que com energia e fundo empenho no trabalho encontrou um caminho para o planalto. As primeiras explorações do Engenheiro Odebrecht aconteceram nos anos de 1876/78 e em seqüência a primeira picada a cavalo pela Serra acima de Pombinhas (Campo Ilheo) foi aberto. Nunca esta comunicação com o planalto foi concluída pois as condições de terra mostraram-se difíceis demais. Uma coisa preciosa esta exploração de Emil Odebrecht trouxe consigo a abertura da Hansa Blumenauense.

O retiro natural da Região do Vale do Itajaí teve mais uma preciosa contribuição quando o engenheiro alemão Block escolheu esta região para traçar uma linha para o planalto dando assim excelentes condições de desenvolvimento à região do Braço Grande do Trombudo. Assim a ampla visão de Dr. Blumenau pouco a pouco teve a sua confirmação. Porém mais um fator importante carimba esta importante e próspera colonização, os homens europeus na maioria alemães e italianos que para cá trouxeram seus costumes, seu trabalho e sua perseverança.

A Colônia não só ficou no preparo para o cultivo da terra mas, também empenhou-se em proporcionar uma vida cultural abrindo escolas, erguendo igrejas e fundando sociedades recreativas como a de cantores e atiradores. Nesta moldura de estudo precisamos restringir-nos também a área fechada do Vale do Itajaí que neste sentido é única.

Até o ano de 1930 a fechada zona econômica também abrangia

uma política. A Revolução de 30. A revolução procurou e também aqui encontrou novas formas de expressão e precisamos constatar que a grande Blumenau não foi nada menos do que desmembrada em 6 (seis) novos municípios. Reconhecemos que a fundação dos municípios de Rio do Sul e Hansa Hamonia seria apenas uma questão de tempo. Mesmo bons nomes sonoros como Hansa-Hammonia estavam prestes a desapa-

recer e devemos ao nosso atual Governador do Estado que isto não se concretizou.

Do esquema acima feito uma coisa fica certa, nós precisamos continuar a honrar o sentido Grande Blumenau, porque assim honramos o trabalho e a obra daqueles que há mais de 80 anos passados vieram a estas paragens para encontrar aqui uma nova Pátria.

## AS CIDADES DO VALE DO ITAJAÍ

### MUNICÍPIO DE INDAIAL

Um lindo vale fluvial apresenta-se a nossa vista. As montanhas bem distantes ao norte e as águas do Rio Itajaí-Açu correm lentas até o grande salto para Blumenau, onde agora está instalada uma Usina Elétrica que fornece energia à cidade e à região. Muito raramente encontra-se ainda floresta virgem. Já é preciso caminhar grande distância para ainda encontrar algum resto no alto Encano. Machados e serras já completaram o trabalho e pastos e plantações cobrem vastas áreas. As grandes pastagens dão prova que a economia desta região é a maior atividade dos moradores desta região. O progressista município de Indaial é uma ótima área de consumo.

Esporádico como em toda região colonial encontra-se aqui e ali aglomeradas propriedades dos colonos.

Nota-se em todos os lugares que os cascos já quebraram e não é mais a agricultura que sustenta a família. Indústrias e artifices tomaram posse da região. Os campos na maioria são plantados com aipim e cana de açúcar. A plantação de milho não aparece mais com frequência e que chegou o momento que se deve partir do extensivo para o intensivo trabalho agrícola. As casas dos colonos, hoje já encontram-se substituídas por maciças casas de alvenaria, circundadas por bonitos e floridos jardins.

As favoráveis estradas e meios de transportes favoreceram o desenvolvimento de Indaial e fez crescer uma promissora indústria. O desenvolvimento se deve também a confortável ponte de concreto construída pelo Prefeito de Blumenau Senhor Curt Hering.

**SUL FABRIL** Um nome que todo o Brasil conhece porque é etiqueta das mais afamadas confecções em malhas de qualidade inconfundível e que enriquece o conceito do parque industrial blumenauense

## MUNICÍPIO DE TIMBÓ

O afluente mais rico em águas do Rio Itajaí é sem dúvida o Benedito. Da serra geral ele recebe as águas de Furação, Lima, Liberdade, São João e Santa Maria. Mais tarde é enriquecido pelas águas dos ribeirões das Antas, Tigre, Russo e Prochnow assim como do Rodeio e Cedro, todos unem suas águas no Benedito.

No local onde se unem as águas do Benedito e Cedros está localizada Timbó. Quase que exclusivamente colonizada por alemães o centro da cidade apresenta-se bonito, colorido e acolhedor. Ao lado da agricultura floresce o trabalho dos artifices, algumas fábricas das quais a de araruta é a mais importante, também a grande beneficiadora de arroz do Senhor Fritz Lorenz é de importância vital.

Cerca de uma hora mais aci-

ma de Timbó junto ao Cedro fica o centro dos italianos, onde em maior parte se vê plantações de arroz, uvas e fumo o que já aponta para sua descendência e quando pergunta-se a quem pertence esta propriedade a resposta é Campestrini, de quem é o depósito de fumo? — de Campestrini. E de quem é a venda? A resposta é novamente — Campestrini.

Uma das regiões paisagísticas mais bonitas é a região do Benedito. A fertilidade do vale é variável. Muito foi feito no vale de Rodeio e Ascurra pelos Italianos. Uma bonita visão apresentam as cachoeiras que se espalham por Timbó, principalmente a cachoeira do Cedro e convida o visitante a reflexão silenciosa sobre o trabalho prestado pelos primeiros imigrantes.

## MUNICÍPIO DE HAMMONNIA

Até bem pouco tempo, quando se pretendia ir para Hammonnia de carro ou carroça, era necessário no Morro Pelado atravessar de balsa o Rio e então na margem esquerda sobre o Morro-Coxo tentar chegar lá. Tentar, digo assim porque em tempo bom já era difícil e com chuva carro ou carroça atolavam com certeza. Quem ia de trem, também só chegava até a estação Hansa e depois caso não encontrasse carro deveria caminhar mais ou menos uma hora para chegar ao destino. Hoje é diferente, porque desde janeiro de 1934 o trem nos leva até quase o centro da cidade. Mesmo sendo tão curto este trecho de estrada o colono sente-se como um

grande alívio, principalmente para os que tem uma distância de 63 km do alto Rio Krauel ou ainda da Colônia dos russos a 80 km distante.

A colonização da Hansa nos últimos anos somente progrediu lentamente. A vinda de novos colonos foi muito pouca. A última leva de imigrantes foram os russos brancos para o alto Krauel e Witmarsum. As distâncias são muito grandes. Viagens de dias a fio os colegas precisam fazer muitas vezes com estradas em péssimas condições. E o dinheiro corrente é uma raridade como em toda a nova colônia. Esperamos que logo se faça a comunicação com o planalto. A fonte de renda

principalmente é a criação de gado.

Diariamente circulam os carros coletando o leite para as usinas, às vezes um caminhão de 5-6 horas. Ainda há vinte anos passados, circulavam por estas regiões índios. Muitos colonos foram vítimas deles. Todos respiraram aliviados quando o intrépido Edu-

ardo Hörhan conseguiu reunir os selvagens e pacificá-los fixando-os.

Tão raro como os selvagens, tornou-se a caça, o jaguar e a anta desapareceram. Para onde se dirige o monstro homem aí cedeu lugar os antigos dominadores. Mas novas preocupações, novas perguntas, novos problemas surgem e aguardam soluções.

## MUNICÍPIO DE RIO DO SUL

Ali onde hoje encontramos a próspera cidade de Rio do Sul, há 20 anos passados apenas encontrava-se umas poucas cabanas de madeira cobertas por palmeiras. Mas já naquele tempo sentia-se que aqui se instalaria o progresso. Mas Rio do Sul também é o ponto de partida para o planalto. Faz exatamente 20 anos que esta região tomou impulso. Mas uma coisa muito importante ainda impede seu maior desenvolvimento,

são as estradas. Foram abertas estradas em todas as direções do município, mas as mesmas carecem de acabamento mais adequado para o grande movimento que comportam.

Para esta grande e rica região o meio de transporte mais importante é o trem. A construção da via férrea enfrentou inicialmente sérios obstáculos, mas agora tudo está normalizado.

## MUNICÍPIO DE GASPARGASPAR

Já antes da fundação de Blumenau aqui já tinha-se iniciado uma pequena colonização. Já no ano de 1845 o Engenheiro belga Charles van Lede com 90 belgas (Flamengos) a Colônia Belga na fazenda do Major Henrique Flores e quando Dr. Blumenau fez a sua viagem de reconhecimento encontrou em Gaspar colonos vindos da Colônia Alemã de São Pedro de Alcântara. Assim como naquela ocasião, hoje também cul-

tiva-se principalmente a cana-de-açúcar e arroz. Excelentes colheitas oferece a terra fértil. Menos boa no entanto é a criação de gado, apesar de encontrar-se bonito gado nas pastagens. Mesmo assim a criação ainda dá lucro maior que a extração de ouro, apesar de ter sido constatado a presença deste metal na região. Para sua obtenção é necessário grande capital como também a extração do minério de ferro no Morro Baú.

**CIA. HERING** O pioneirismo da indústria têxtil blumenauense e a marca dos dois peixinhos, estão integrados na própria história da colonização de Blumenau e o conceito que desfruta no mundo todo é fruto de trabalho e perseverança em busca do aprimoramento de qualidade.



# Figuras do Passado

## CHRISTIANA ELISA BARRETO OU CHRISTIANA DEEKE BARRETO Da. CRISTA

### 1. — Os dados

Nascida Christiana Elisa Deeke, a 5 de junho de 1905, em Blumenau, filha de José Deeke e Emma Deeke, da família Rischbieter, ambos naturais de Blumenau.

Recebeu instrução de base em Hamônia, hoje Ibirama, sede administrativa das Colônias Hanseáticas, de que seu pai era Diretor. Seu professor foi o Dr. Paul Aldinger, pastor luterano também doutorado em Filosofia, que, em sua escola, sabia dosar pregação religiosa com alfabetização e ensino empolgantes. Completados os estudos básicos em Ibirama Christa veio a Blumenau frequentar o curso complementar do Grupo Escolar Luiz Delfino, sendo hóspede em casa de seu tio paterino Fides Deeke, primeiro Tabelião Geral e Oficial do Registro de Imóveis do Município. Depois disto foi completar seus estudos, em regime de internato, no Curso de Letras do Colégio Coração de Jesus, em Florianópolis, tendo por mestras Madre Benvenuta e Irmã Bernwarda, educadoras consagradas de saudosa memória.

Casou-se a 3 de maio de 1930, também em Blumenau, com o advogado Dr. Edgar Barreto, natural de Pedras Grandes, município de Tubarão, nascido a 12 de abril de 1894, filho do Promotor Público Manoel Barreto e de Liddi Barreto, da família Dankwardt. Desta união nasceu uma filha de no-

me Aiga, casada com o Dr. Roland Herbert Mueller-Hering, residente nesta cidade; os filhos do casal, netos de Da. Christa, são Renato e Roberto Barreto Mueller-Hering, estudantes em Curitiba, PR.

Christiana Elisa e Edgar Barreto jamais se desquitaram legalmente, mas coabitaram por menos de 2 anos. Já antes do final de 1932, Da. Christa foi morar com a mãe, a viúva Emma Deeke, levando consigo a filha; nenhum dos dois pensou em nova união e seu relacionamento foi cordial até a morte do Dr. Edgar, ocorrido a 29 de março de 1967, nesta cidade.

Christiana Elisa faleceu de parada cardíaca a 2 de junho de 1985, a 3 dias de seu octagésimo aniversário, em casa do genro e da filha Aiga. Foi dormir normalmente e não acordou mais. Uma pessoa amiga declarou: "Christa morreu dignamente, como viveu".

### 2. A obra:

Filha de um ativo propulsor da vida comunitária, que foi também memorialista e historiador emérito, e de mãe dedicada às letras, Christa só podia apresentar pendores intelectuais. Começou escrevendo versos na primeira juventude e sua poesia — "Jahresernte" — editada pelo "Verlag Rotermund & Co." nos anos de 20, lhe foi cara até o fim dos dias.

Mas logo se fixou em dois campos de pesquisa mais amplos

e, de certa forma, interligados: História e Genealogia. Na década de 30 trabalhou por um curto espaço de tempo com Theodor Lüders, bravo e minucioso arquivista municipal que, ao fim da vida, ainda catalogava dados novos em sua residência. Em 1939 dirigiu-se a Turarão com a filha, para pesquisar a origem das famílias Barreto e afins, contando para tal com o concurso do irmão de seu falecido sogro, o Dr. Alexandrino Barreto, venerado Juiz de Direito daquela Comarca.

O ano de 1948 marcou a vida de Da. Christa com tintas de emancipação profissional. Seu irmão Hercílio Deeke, então presidente da Câmara de Vereadores, a chamou para exercer atividades de Secretária daquela casa, o que fez durante alguns meses. Como se aproximava o ano do Centenário de Blumenau — 2 de Setembro de 1950 — era necessário revitalizar com urgência o Arquivo Histórico da Prefeitura e, para tal, foi nomeada pelo prefeito Frederico Guilherme Busch Jr., sendo aposentada por problemas renais pelo prefeito Carlos Curt Zadrozny, logo no início de seu mandato.

As vésperas do Centenário, cidade e Estado fervilhavam. Era preciso compilar dados, organizar documentos, traduzir textos, reavaliar conceitos, confrontar nomes e datas, decifrar caligrafias e compor rapidamente um serviço capaz de atender a todos os interessados no estudo e na divulgação de ocorrências relativas aos 100 primeiros anos de Blumenau. Não entrava em questão só o pequeno município de agora, mas todas as regiões que já o haviam integrado como Indaial, Rio do

Sul e Ibirama, por exemplo também eram computados. Modestamente, e sem alarde, Da. Christa pôs mãos à obra e só lhe possibilitou a tarefa o longo convívio que tivera com as pesquisas do pai José Deeke e o fato de já conhecer muitos documentos, provenientes do velho arquivo de Theodor Lüders. Assim trabalhou, desde logo, em estreita colaboração com Frei Ernesto Emmendoerfer, O.F.M., professor José Ferreira da Silva e Frederico Kilian, antigos cultores de nossa História, nos interesses preparatórios do Livro do Centenário, de cuja subcomissão era Presidente Frei Ernesto Emmendoerfer, vice-presidente, Dr. Paulo Malta Ferraz e Secretário Frederico Kilian, entusiasmando-se com alguns valores emergentes no campo, à feição do Dr. Paulo Malta Ferraz e Theobaldo da Costa Jamundá, hábeis na detecção de fatos novos e vibrantes no manejo da palavra.

Da. Christa — ou Christiana Dseke Barreto, como gostava de assinar-se — foi colaboradora assídua de variadas instituições que cuidavam — e ainda cuidam — de assuntos ligados aos seus campos de interesse. Iniciou e continuou redigindo, durante longos anos, a coluna "Aconteceu", que Blumenau em Cadernos publica até hoje, dentro da mesma concepção; com esta coluna pretendia preservar para a posteridade uma simplificação do dia-a-dia do blumenauense, dando deste — como um álbum de fotografias — "flashes" cronologicamente significativos. Através de contatos com o Dr. Carlos Fouquet, do Instituto Hans Staden, de São Paulo, conheceu o Coronel Salvador de Moya, diretor-chefe da Revista de

Genealogia Latina, editada no Rio, GB, e co-diretor, juntamente com o mesmo Dr. Fouquet, da "Revista de Subsídios Genealógicos", editada em São Paulo, e que faz o levantamento de famílias brasileiras de origem germânica, espalhadas pelo Brasil afora. A Revista publicou a genealogia das famílias Bell, Clasen, Colin (de Joinville), Dankwardt, Deeke, Ehlke, Feddersen, Hering, Hoepcke, Karsten, Konder, Meyer e Metz (Joinville), Odebrecht, Reitz, Rischbieter, Schmidt (de Joinville), Virmond (Mafra e Rio Negro, Weege, etc., conhecidas entre nós. Da. Christa se correspondeu regularmente com o Coronel de Moya durante muitos anos, sendo consultada para esclarecer dúvidas, fazer correções e estabelecer novos contactos às pesquisas do Coronel. A genealogia da família Deeke — de 1.662 em Stangerode, Alemanha, até os nossos dias no Brasil, foi por ela exaustivamente compilada e publicada nas páginas 54 a 64 no volume VI da mesma Revista; é uma das mais completas organizadas por uma pessoa só, mas colaborou também para esclarecer dúvidas sobre as famílias Clasen, Dankwardt e Rischbieter, entre tantas outras mais. Curiosamente o seu nome se encontra adulterado na relação dos colaboradores da "Revista de Subsídios Genealógicos", onde ela consta como DEEKE, CRISTINA ELSA, apesar de Moya sempre lhe ter endereçado as cartas sob nome exato; afinal tal falha foi corrigida após a morte do Coronel, ocorrida em junho de 1973, quando já haviam assumido o seu lugar Ely e Rose Herkenhoff, para dar continuidade às edições. Outro intercâmbio epistolar interessante

era mantido com o "Jeneral" Bertoldo Klinger, também genealogista fervoroso, que fez o levantamento da família Ritter do Rio Grande do Sul, aparentada com os Rischbieter num de seus numerosíssimos ramos; mas Klinger — com mais fervor — queria SIMPLIFICAR a ortografia brasileira, razão pela qual escrevia General com "J". Christiana Elisa podia entender o sonho de Klinger, porque José Deeke fôra, a seu tempo, empolgado adepto da divulgação do Esperanto, idioma artificial, que alguns intelectuais propunham como instrumento de comunicação internacional e que ela mesma ainda sabia escrever.

Um dos nossos valores mais recentes, que Da. Christa muito prezava e com quem mantinha esporadicamente intercâmbio de informações, vem a ser o etnólogo, professor e editor Egon Schaden, catarinense de São Bonifácio, município de Palhoça, que pesquisava a mitologia heróica de algumas tribos indígenas brasileiras, estudou a aculturação linguística entre os descendentes de colonos teutos e mantinha ainda atividades no Instituto Hans Staden, até poucos anos atrás; os interesses de Schaden eram muito semelhantes aos dela própria, e com prazer atendia aos seus reclamos. Como se pode ver, Da. Christa continuou sempre ligada à coisa sócio-cultural, mesmo depois de sua aposentadoria, e foi por essa razão que o prefeito Evelásio Vieira a conclamou para integrar o primeiro Conselho Curador da recém-criada Fundação "Casa Dr. Blumenau", em agosto de 1972. Mas ela gostava de desenvolver uma ação mais direta e personalizada em qualquer tarefa que as-

somisse e, passando a julgar-se inoperante na função, pediu demissão do cargo antes do advento dos anos 80.

### 3. A pessoa:

Frederico Kilian, ao requisitar dados para publicar um artigo em "Blumenau em Cadernos" sobre a falecida, disse — com razão — que precisaria de auxílio para se desincumbir da tarefa. Apesar de ter privado com ela na Prefeitura e fora desta durante anos, pouco sabia sobre Christiana Elisa Barreto. "Ela era muito modesta, nunca falava de si e do que fazia", afirmou. A filha única, sua interlocutora, pensou a respeito e concluiu: "Pois bem. Ela era assim mesmo. Mas eu, e algumas outras pessoas com quem ela falava despreocupadamente, sabemos muito, se não tudo... Porque nos calarmos, então, e deixar de contar tantos fatos interessantes?"

Comecei, de repente, a refletir sobre quem foi, efetivamente, minha mãe como membro de sua comunidade, e vi que a chave estava numa dedicatória que José Ferreira da Silva formulou para ela, em 1972, no seu livro "História de Blumenau". A dedicatória é a que segue: "À Da. Christiana Deeke Barreto, com quem muito aprendi da história de Blumenau..." — era isto; não havia necessidade de mais. Minha mãe atendia a quem precisasse dela; fornecia os dados requeridos e deixava o consulente à vontade. Tinha aquilo que se chama de "profundo respeito à personalidade de cada um" e, por isso mesmo, as pessoas aprendiam com ela, não se sentindo jamais vinculados a uma opinião ou cobran-

ça sua. Podiam até esquecê-la, mas não esqueceriam a informação obtida.

Nos últimos anos foi procurada por valores bem mais jovens, como Doloris Ruth Simões, professora de alemão no Curso de Letras da U.F.S.C., que desejava um indicativo de obras literárias escritas por alemães remanescentes no Brasil; por Beatriz Pellizzetti, filha de Ermembergo Pellizzetti, o grande líder do Alto Vale, que fazia pesquisas para um trabalho de tese importantíssimo, apresentado ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná, e que veio a chamar-se "Fontes primárias para a História de Santa Catarina: — Os papéis do fundador da Colônia Cecília no arquivo de Ermembergo Pellizzetti"; pelo jornalista José Finardi, excepcionalmente de geração anterior, mas que, depois de alguma prosa de menor fôlego, escreveu uma obra importante sobre "A Colonização Italiana de Ascurra", no período que vai de 1876 a 1976; foi procurada por estes e tantos e tantos mais.

Como gente, Christiana Elisa, minha mãe, era leal às suas origens e amante do país maravilhoso que, há gerações, recebera seus antepassados com toda a prodigalidade. Em geral não era muito expansiva, apesar de sempre objetiva no tratamento dispensado a quem viesse a procurá-la — ou seja, não fazia distinção entre as pessoas atendidas. Apesar disto eu sei agora que, dentre todos aqueles que a procuraram ultimamente para trocar idéias e formular novas contribuições à cultura, existe uma pessoa que lhe mereceu especial carinho. Trata-se de

Valburga Huber, carioca, hoje casada e residente na Inglaterra, cuja dissertação de mestrado em Literatura Brasileira, nos Cursos de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, apresentada em 1980, conta 240 páginas e se intitula "Saudade e Esperança. O dualismo do imigrante alemão refletido em sua literatura". Mas era natural que tal carinho surgisse, pois foi dado a Valburga captar, nos dias de hoje, o que minha mãe já vira o imigrante de seus tempos de menina, em Hansa-Hamonia, sentir e viver.

Para finalizar, posso dizer que minha mãe teve uma vida plena de interesses e realizações benfazejas; penso que só deixou para trás uma ou duas histórias a serem contadas. Mas seriam histórias... A primeira se refere a uma vaga "Serra dos Martírios", de que tropeiros ambulantes e pas-

santes sem pouso falaram a seu Pai nos acampamentos de Lajes e Campos Novos, em fins do século passado, e que ela julgava, agora, possível identificar com Serra Pelada. A outra, a que mais me toca, é a Korikrah — ou Coricrá — adulta; a história de Maria Gensch, a menina índia criada pelo casal Dr. Hugo Gensch, e seus dilemas depois de moça feita, pela qual Eduardo de Lima e Silva Hoerhan se apaixonou, em vão, perdidamente. Como o professor José Ferreira da Silva perdeu também, de modo inexplicável e definitivo, o pequeno dicionário botocudo que Korikrah elaborara, é preciso que alguém outro, iluminado por muita fantasia, conte o que minha mãe Christiana Elisa só poderia ter contado à base de fatos irrefutáveis.

Aiga Barreto Mueller-Hering

## AUTORES CATARINENSES

ENÉAS ATHANÁZIO

Poucos Estados brasileiros vêm registrando movimento editorial tão acentuado como o nosso. Desde o último comentário, aqui publicado, mais de uma dúzia de livros de autores catarinenses vieram a lume, publicados por editoras do Estado e de fora, nos mais diversos gêneros e sem incluir trabalhos de natureza técnica ou científica, que fogem aos objetivos desta coluna. Diante da pequena rede de livrarias de que dispomos e do nosso míngua número de leitores, é difícil imaginar o destino de tantas obras, embora o entusiasmo dos escritores seja indicação segura de que alguém as está consumindo.

O primeiro destaque é para "Crime na Baía Sul", de Glauco Rodrigues Corrêa, lançado pela Editora Mercado Aberto, de P. Alegre, em terceira edição, fato muito significativo quando é sabido que poucos livros catarinenses varam a primeira. Isso mostra a boa aceitação dessa novela policial que mereceu muitas manifestações da crítica e revelou um autor de gênero pouco cultivado entre nós, cuja carreira prosseguiria, mais tarde, com "O Mistério do Fiscal dos Canos" (tam-

bém em terceira edição) e "O Assassinato do Casal de Velhos". A novela é narrada pelo próprio protagonista e tem um desfecho inteiramente inesperado, fato bastante acentuado pelos críticos e indicador da criatividade do novelista. O livro está incluído na "Série 28 Novelas", daquela Editora, e tem excelente apresentação gráfica, aspecto fundamental no gênero policial.

"Sagrada Família", de Herculano Farias (Lavras Editora — Brasília), é um livro de contos desse escritor catarinense morador do Distrito Federal. Nascido em Campos Novos, Herculano é psicólogo clínico e tem vivido no Rio, na Bahia e ultimamente em Brasília. Autor de muitos trabalhos publicados em jornais e revistas, é detentor de prêmios literários importantes. Este é seu segundo livro, tendo estreado em 1979 com "Força Bruta", também uma coletânea de contos e que obteve boa receptividade. Este volume contém dezoito contos cuja tônica é a tragédia. Dono de uma linguagem concisa e despojada, o contista sabe captar os acontecimentos da tragédia cotidiana e convertê-los em páginas densas e vivas onde os personagens se movimentam como autênticos seres humanos, com seus defeitos e virtudes, misérias e grandezas. Alguns desses contos aqui reunidos têm momentos de grande impacto, daqueles que se colocam sob os olhos do leitor como acontecimentos em que costumamos a crer mas que realmente acontecem. Como acentuou um analista, trata-se de contos problemáticos, radicalmente contrários à gratuidade, reunidos sob um título repleto de ironia amarga.

"Sete Missas Baixas", também de Herculano Farias, é uma coletânea de pequenos textos desse escritor catarinense publicada pelas Edições Sanfona de Florianópolis. Embora de reduzidas dimensões, neles está presente o estilo forte e enxuto (quase seco) do contista de "Sagrada Família".

Também de contos é "A Bomba Atômica de Deus", de Guido Wilmar Sassi, lançado por FCC Edições (Florianópolis — 1986). Este volume é uma antologia de contos já publicados, com seleção realizada pelo próprio autor, nos moldes das publicações "o melhor de", tão usadas em outros países. Sassi é um nome importante nas letras brasileiras e provavelmente o mais conhecido escritor catarinense fora das fronteiras estaduais, tendo sua obra merecido a atenção de críticos do porte de Edgard Cavalheiro (que o considerou o criador do "ciclo do pinheiro" nas letras nacionais), Paulo Ronai, Walmir Ayala e tantos outros. Este volume, além de reunir o que o autor produziu de melhor no gênero conto, tem o mérito de colocar ao alcance do leitor atual esses trabalhos indispensáveis a uma boa visão da literatura catarinense e em geral inacessíveis.

Na mesma linha de seleção, buscando um panorama de sua obra, é "Busco a Palavra", de Maura Senna Pereira, igualmente lançado por FCC Edições (Florianópolis — 1986), um dos nomes mais prestigiados da poesia catarinense. O volume contém poesias escolhidas ao longo da produção de Maura, desde a mais antiga até a mais recente, mostrando a permanente evolução de sua poética. Vale para ele o que foi dito sobre a coletânea de Guido Wilmar Sassi,

isto é, põe diante do público obras importantes e de acesso difícil, num só livro, permitindo uma visão de conjunto. O livro também traz manifestações da crítica, surgidas nas épocas do aparecimento dos poemas aqui selecionados, dando bem a medida da repercussão de cada novo trabalho de Maura. Como já se observou, esta coletânea passa a integrar o rol dos livros fundamentais da poesia catarinense, não podendo faltar nos currículos sobre nossa literatura. Outra observação que se impõe é a presença constante do poeta cearense Francisco Carvalho, de uns tempos para cá, como autor de uma obra poética que estimula e inspira a poetisa conterrânea.

Com mais de uma centena de títulos publicados, também a Editora Lunardelli está apresentando suas novas edições, abrangendo os mais diversos gêneros. Registro o aparecimento de "Santa Catarina — A Ilha", de Virgílio Várzea, alentado ensaio a respeito dos aspectos histórico e sociológico da Capital, até agora igualmente uma obra inacessível e que vem preencher uma lacuna. É uma espécie de guia para o conhecimento da velha Desterro, no que ela tem de interessante e curioso, não se limitando apenas à cidade, mas abrangendo toda a ilha. Embora mais antigo, é algo assim como foi feito por Gilberto Freyre e Jorge Amado em relação às suas cidades. Um lançamento importante e corajoso do editor Edilon, pelo alto custo de uma reedição dessa natureza. É um "guia sentimental" com a boa marca do estilo de um artista de escrita.

Registro ainda: "1000 Notícias Culturais", de Silveira Júnior, livro que resulta de pura pesquisa, através de método pessoal, e procura transmitir informações culturais de modo sintético e objetivo; "Construção", romance de Arno Melo Schlichting, novo nome que aparece na ficção catarinense; "Um Líder na Rota do Cronista", coletânea de trabalhos do conhecido cronista de Florianópolis; "O Poder da Constituinte", ensaio do jornalista-escritor Moacir Pereira, abordando com substância tema da maior atualidade.

"Datas Históricas de Santa Catarina — 1500/1985", de Jali Meirinho, publicado pela Editora da UFSC (Florianópolis — 1985), é outro trabalho que reúne o resultado de vasta pesquisa, agora no terreno na História, em que o autor é versado. Detentor de vários títulos universitários e autor de muitos ensaios na área dessa ciência, Jali Meirinho é jornalista com longa militância e membro do I.H.G.S.C., do qual é secretário, além de diretor da revista publicada por essa instituição. Este é um livro útil, uma contribuição importante aos estudos do nosso passado, repleto de informações interessantes.

Encerro a série de hoje com "Dementes e de Mitos", coletânea de poesias de Irenêu Voigtlaender, publicada por Gráfica 43 S/A e Fundação "Casa Dr. Blumenau". É um conjunto de poesias reveladoras de um poeta sensível e emocionado com as experiências da vida

**CREMER** Produtos têxteis e cirúrgicos. Conserva através dos anos o conceito de qualidade superior no que fabrica, garantindo com isso um permanente mercado absorvente nas Américas e noutros continentes, levando em suas etiquetas o nome de Blumenau.

é às coisas de sua terra — a cidade de Pomerode. Também fotógrafo, o livro foi ilustrado com significativas fotos de autoria do próprio poeta. Esse livro foi lançado em Pomerode com grande sucesso.

E por falar em Fundação “Casa Dr. Blumenau”, quero registrar que essa entidade, em suas oficinas gráficas, deu a público até o presente momento nada menos que 39 livros de autores catarinenses, com trabalhos de todos os gêneros, sem falar nas publicações periódicas oficiais, jornais e folhetos de toda espécie. Isso se deve ao esforço de uma equipe consciente do serviço cultural que está prestando e que nem sempre vem merecendo o devido destaque. Com os títulos publicados, a Fundação já editou mais que algumas entidades que têm essa finalidade específica. Não é demais lembrar que a Fundação ainda mantém museu, biblioteca, arquivo histórico, horto florestal, serviço de encadernação e edita esta revista há mais de vinte anos.

— O Prof. Paulo Fernando Lago lançou, no salão de atos da Reitoria da UFSC, o livro “Consciência Ecológica — A Luta Pelo Futuro”, co-edição UFSC/UDESC;

— A Associação Catarinense de Escritores (ACES), agora transformada em Associação Profissional de Escritores de Santa Catarina, presidida por José Gomes Neto, está em grande atividade para movimentar os escritores catarinenses e reiniciar a luta pelos objetivos da classe depois de tão longo período de inatividade. A nova entidade precisa e merece o apoio de todos.

---

## “HOSPITAL SANTO ANTÔNIO”

(Kranken Unterstuetzungsverein)

Edith Kormann

A saúde, nos primórdios da colonização de Blumenau, tinha que ser preservada como fator fundamental para o desenvolvimento da Colônia, fato que levou um grupo de imigrantes a fundar em 1865 a “Franken Unterstuetzungsverein” (Sociedade de Auxílio aos Enfermos), sociedade em que os associados pagavam uma mensalidade de 500 Réis, tendo direito a tratamento médico e a remédios com abatimento. Em 1858, veio para Blumenau o Dr. Bernhard von Knoblauch, formado em Jena (Alemanha), que em

ato assinado em 16 de janeiro de 1863, ocupou oficialmente o cargo de primeiro médico da Colônia. O Dr. Knoblauch beneficiava os associados do “Kranken Verein” com o abatimento de um terço nos preços das consultas e tratamento. Em 1872, faleceu o Dr. Knoblauch, sendo substituído por Karl Wilhelm Friedenreich até a chegada do Dr. Carlos Tobias Rechsteiner, suíço, há vinte e cinco anos no Brasil e que faleceu em 1873, sendo substituído pelo Dr. Cláudio Frederico Jebe, que faleceu em 1874, abalando a po-



pulação, sendo os enfermos mais uma vez atendidos por Karl Wilhelm Friedenreich.

O funcionamento do hospital, no barracão localizado no "Vorstadt", motivou por muito tempo que a atual rua Itajaí fosse chamada de "Rua do Hospital". No dia 22 de fevereiro de 1874, durante um forte temporal o barracão onde funcionava o hospital, desabou, fato que fez com que o Governo Provincial atendesse aos pedidos insistentes do Doutor Blumenau e construísse um novo prédio para atender às necessidades locais. A autorização já havia sido concedida pelo Ministério da Agricultura no dia 27 de abril de 1873 e o novo hospital todo de madeira com frontal de tijolos, coberto de telhas e com muro na frente, ficou concluído em 1876. Na ocasião também foi construído um pequeno necrotério, além de quartos individuais e enfermaria. O hospital, modesto em suas proporções, deficiente nas suas instalações, carente, praticamente, de tudo quanto se requeria num bom hospital, "prestou relevantes serviços à comunidade blumenauense. Atendia o hospital, o médico oficial da Colônia, Dr. Francisco Volloton e o farmacêutico Dr. Wilhelm Eberhard. A Sociedade Assistencial que assumiu a direção do hospital em 1874, permaneceu na direção do mesmo até 1924.

O Doutor Blumenau sempre se preocupou pelo bem-estar dos imigrantes e seus descendentes e o ofício enviado em 1879 ao Presidente da Província referindo-se

ao hospital o demonstra: "Tendo-se, pelo longo uso, gasto uma porção de objetos do serviço do hospital e tornando-se indispensável renová-los, solicito autorização para comprar:

31 lençóis de pano americano a 2\$200	68\$200
8 camisas para homem a 2\$000	16\$000
6 ditas para adolescentes a 1\$500	9\$000
	<hr/>
	93\$200

Permito-me acrescentar que, tendo-se desde 1º de julho até agora, realizado no hospital o atendimento de enfermos que tiveram de pagar seu tratamento, a quantia de Rs. 113\$600, que hoje foi recolhida ao cofre da Diretoria e tendo de entrar no do Estado a despesa supra e urgente fica mais que coberta."

Em dezembro de 1901, iniciaram-se os trabalhos para o encaçamento de água de uma fonte ao pé do Morro do Aipim para o consumo do hospital inclusive o banheiro.

Até 1916, o hospital era chamado de Hospital de Caridade e em 1924, quando foi entregue à Prefeitura, passou a chamar-se Hospital Municipal.

Para auxiliar na manutenção do hospital eram freqüentes as promoções artísticas e principalmente sociais, entre elas, o grande concerto e baile realizado em 5 de agosto de 1933, promovido pela S.D.M. "Frohsinn" e Sociedade de Canto Concórdia. No dia 12 de dezembro de 1942, o Café Dançante em benefício do Edu-

### LOJAS HERING S.A.

Representa não só o espírito empreendedor como também solicitude, educação e sociabilidade que caracterizam tão bem a tradicional formação da gente blumenauense.

candário Santa Catarina, realizado no Teatro "Carlos Gomes", com início às 15 horas, também foi em benefício do Hospital Municipal.

Em 1943, o prédio do antigo hospital, que estava em péssimas condições, foi demolido e no dia 25 de novembro do mesmo ano foi lançada a pedra fundamental do novo hospital com a presença do Interventor Nereu Ramos, que foi recepcionado no Hotel Elite às 15:30 horas, e homenageado às 20 horas com um banquete no Teatro "Carlos Gomes". O novo hospital foi construído pelo Estado com a colaboração da Prefeitura Municipal de Blumenau. Entre as promoções em benefício do novo hospital, o Baile dos Casados, realizado em julho de 1945, rendeu três mil cruzeiros.

Através de Lei Municipal de 1948, o Hospital Municipal passou a chamar-se "Santo Antônio".

Para melhor atender a maternidade e infância, foi construída uma ala que foi inaugurada no dia 12 de setembro de 1953, com o nome de Pavilhão da Maternidade e Infância "Maria Konder Bornhausen".

No dia 28 de dezembro de 1968, pela Lei nº. 1.557, o Hospital Santo Antônio passou a ser administrado pela Fundação Universidade Regional de Blumenau como Hospital Universitário. Na época, o Dr. Affonso Balsini médico pediatra, cômico da necessidade de um hospital infantil, idealizou e se empenhou na construção

do mesmo, e em 1970, concluída a obra, uma placa homenagem os esforços do abnegado médico com os seguintes dizeres: "Ao benemérito médico Dr. Affonso Balsini, idealizador deste pavilhão pelo carinho, dedicação e infatigabilidade com que dirigiu os trabalhos de sua construção o profundo agradecimento do Governo e do povo de Blumenau. 9/10/1970".

Em 1972, foi criada a Fundação Hospitalar de Blumenau abrangendo o Hospital Santo Antônio, Hospital Infantil e a Escola de Auxiliar de Enfermagem. Os Estatutos foram registrados no dia 9 de setembro de 1972 no Livro A-7, folhas 202, no Cartório de Registros de Títulos e Documentos de Getúlio Vieira Braga.

Em 1974, foi criado o Conselho Curador da Fundação Hospitalar com cinco membros, sendo um representante da Associação Regional de Medicina, um da Associação Comercial e Industrial de Blumenau, um da Fundação Universidade Regional de Blumenau e um do legislativo e executivo municipal.

Em 1976, a Fundação Hospitalar de Blumenau, mandou colocar uma placa comemorativa do centenário da fundação do Hospital Santo Antônio. Lamentavelmente, as enchentes de 1983 e 1984, causaram sérios danos ao nosso tradicional nosocômio e para atender a Comunidade, atualmente está sendo utilizado o Pavilhão Infantil.

## ESCOLA DE AUXILIAR DE ENFERMAGEM

Um marco importante na História do Hospital Santo Antônio, foi a criação da Escola de Auxiliar de Enfermagem que come-

çou a funcionar de acordo com a Lei Federal nº. 773, que regula o ensino de enfermagem no Brasil. Em março de 1953, em Relatório

apresentado à Câmara Municipal, a Comissão de Construção do Hospital Santo Antônio, presidida pelo médico Dr. Affonso Balsini, incluiu no plano de obras, instalações para uma futura Escola de Auxiliar de Enfermagem, incluindo anfiteatro, secretaria, biblioteca e sala de demonstrações técnicas. Na época, enquanto se construíam as instalações, a Madre Provincial Maria Chantal, das Irmãs Franciscanas de S. José, sediadas em Angelina, enviou para São Paulo e Curitiba, algumas Irmãs, para se especializarem em enfermagem de alto padrão para trabalharem como professoras na escola.

Pela Lei Municipal nº. 763 de 1956, foi criada a Escola de Auxiliar de Enfermagem, anexa ao Hospital Santo Antônio, e que preenchidas as exigências do Ministério da Saúde, foi reconhecida pela Portaria nº. 124 de 13 de abril de 1959. Funcionando em regime de externato e com a duração de dezoito meses, fornece um Certificado Federal que é válido para todo o Brasil. O ensino era gratuito, atualmente cada aluno paga a importância de Cr\$ 30.000 (trinta mil cruzeiros) mensais. Funciona em dois períodos e para admissão ao curso exige-se a idade mínima de 18 anos, primeiro grau completo e aptidões para enfermagem. A escola ministrava aulas específicas de enfermagem, até ser implantada a Lei de Diretrizes e Bases, quando foi enquadrada no Curso Médio, obrigando-se a ministrar além das disciplinas específicas do curso, disciplinas essenciais às primeiras séries do Curso Ginásial. Atualmente são ministradas aulas sobre técnicas assépticas, noções pa-

ra atuar em unidade de terapia intensiva, primeiros socorros, enfermagem médico-cirúrgica, enfermagem materno-infantil, fundamentos de enfermagem incluindo história, economia e técnicas hospitalares, microbiologia e parasitologia, anatomia e fisiologia, ética e psicologia, saúde pública e estudos regionais sobre nutrição, perfazendo um total de 1.300 horas aula. O curso que funcionava a nível de primeiro grau, passou a profissionalizante, porém sem acesso à Faculdade. A primeira diretora da escola foi a Irmã Lígória (Edite Prim), auxiliada pelas Irmãs Maria José e Maria Benedita todas com diploma de enfermeira de alto padrão. Ruth Câmara, esposa do médico Renato Câmara, foi por muitos anos secretária da escola. A escola também foi dirigida pela Irmã Fidelis e até 1972 teve o conceituado médico Dr. Lourival Saade como palestrante. Atualmente a escola conta com quatro enfermeiras especializadas em Ensino e Administração Hospitalar, Saúde Pública, Ciências Sociais e Técnicas de Enfermagem. Os alunos da Escola de Auxiliar de Enfermagem estagiam nos hospitais, Santo Antônio, Santa Isabel e Santa Catarina e ainda no Centro de Saúde, INAMPS e Centros Sociais da Prefeitura. A inauguração da escola ocorreu no dia 1º de agosto de 1959 e coube ao Prefeito Frederico G. Busch Jr. o mérito de inaugurar a primeira Escola de Auxiliar de Enfermagem de Santa Catarina. As aulas tiveram início no dia 3 de agosto de 1959 e a primeira formatura ocorreu no dia 8 de setembro de 1962, reunindo quatro turmas num total de trinta e oito alunos. A escola

foi reconhecida oficialmente pelo Decreto Federal nº. 651 de 8 de março de 1962, publicado no Diário Oficial da União de 25 de março de 1962.

Da primeira turma faziam parte, Annegret Karin v. Knoblauch, Maria da Glória Machado e Rita Bernhardt de Blumenau; Auremi Terezinha Monteiro de Itajaí, Antônio Darolt de Ibirama; Inês Maria da Silva de Florianópolis; Julieta Petters de Indaial; Marlene Darcy Beduschi de Gaspar; Cdete de Souza de Ilhota e as Irmãs Franciscanas de S. Jo-

sé, Geraldina, Caritas e Calista.

A escola ocupa uma área de 149,02 metros quadrados e é um dos estabelecimentos de ensino mais importantes do Vale do Itajaí, pois é responsável pela formação de centenas de auxiliares de enfermagem que atuam em nossos nosocômios. A escola é mantida pela Prefeitura Municipal de Blumenau, que paga o pessoal, e através das mensalidades dos alunos. A atual diretora é a enfermeira Eva I. B. Klitzke.

A escola está registrada no Conselho Nacional de Serviço Social sob nº. 259.

## Subsídios Históricos

Coordenação e revisão:

Rosa Herkenhoff

Entre os documentos deixados por João Krisch, antigo negociante e industrial em Joinville, encontra-se a relação abaixo, escrita em fevereiro de 1950.

João Krisch, nascido a 28 de novembro de 1864 em Joinville e aqui falecido a 8 de junho de 1952, era filho de Eduard Krisch e Gabriele Krisch e neto de Johann Krisch e Maria Johanna Raab, todos imigrados a 2 de agosto de 1863, estabelecendo-se a estrada Blumenau, com serraria, engenho de açúcar e aguardente. João Krisch foi, durante longos anos, sócio ativo do Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville e membro proeminente da Loja Maçônica.

O manuscrito, que João Krisch elaborou aos 86 anos de idade, tem o seguinte teor:

### Pequena Contribuição Para A Crônica Da Dona Francisca — Joinville.

Relação — ainda incompleta — de nomes de homens que se destacaram entre os habitantes de Joinville e que não devem ser esquecidos. Conheci-os todos pessoalmente e foram eles, sem a menor dúvida, esteios de nossa florescente cidade natal. É preciso não esquecer as inúmeras dificuldades e as misérias que tiveram de vencer, a fim de contribuir para o brilhante progresso desta Cidade, durante os seus 100 anos de existência.

1. **Ottokar Doerffel**, dedicou mais de meio século de sua vida ao progresso e bem-estar de nossa Cidade. Por inúmeras vezes, na qualidade de cônsul da Alemanha e tesoureiro da Sociedade Coloniza-

dora de Hamburgo, conseguiu obter, na Europa, decisões favoráveis para a Colônia Dona Francisca. Foi membro ativo da vida social, co-fundador da "Harmonie Geseilschaft" (hoje Harmonia-Lyra), da Loja Maçônica, da Sociedade de Ginástica e de outras associações. Com rara capacidade de orador, foi encarregado de saudar o embaixador da Alemanha, por ocasião de sua visita a Joinville. O referido discurso impressionou toda a assistência e levou o embaixador a usar a seguinte expressão: "Ele me disse tudo, nada me perdoou".

2. **Albrecht Wilhelm Sellin**, diretor da Colônia Dona Francisca, dedicado técnico em colonização, autor do livro "Das Kaiserreich Brasilien" (O Império do Brasil), benquista não só em Joinville, mas em todo o nosso Estado e também no Rio Grande do Sul.

3. **August Wunderwald**, engenheiro, tomou parte decisiva na organização da planta da Cidade e explorou a topografia entre Blumenau e Joinville. Faleceu em consequência de moléstias contraídas no cumprimento dessa tarefa.

4. **H. A. Lepper**, negociante atacadista, influente membro da política local, benfeitor do Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville, doador do hospital "Helenen-stift" (Casa de Saúde Dona Helena), com a condição única de ser doado ao hospital o nome de sua esposa Helena.

5. **Gustavo Adolfo Richlin**, nascido em Joinville, proeminente membro ativo da vida social, administrativa e política da Cidade e chefe do executivo municipal durante um período.

6. **Dr. Wigand Engelke**, primeiro e único médico durante dezenas de anos, na então Colônia Dona Francisca, compartilhando a dura existência dos primeiros imigrantes. Inúmeras vezes foi chamado para socorrer doentes numa distância de 10 a 20 quilômetros obrigado a viajar por estradas quase intransitáveis, e, ao ver as precárias condições financeiras, ainda abria mão dos honorários.

7. **Frederico Stoll**, solteiro, comandante do Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville, durante 42 anos consecutivos.

8. **João Paulo Schmalz**, mecânico, administrador da extinta fazenda Pirabeiraba, deputado estadual e ativo membro da Câmara Municipal, durante longos anos. Pai dos já falecidos irmãos Rudolf, Otto e Adolf Schmalz.

9. **Hugo Delitsch**, farmacêutico, proprietário da primeira farmácia em Joinville.

10. **Albert Kroehne**, arquiteto, construtor das duas igrejas da Cidade, tanto na católica como da protestante.

11. **Antonio Sinke**, instalou o primeiro engenho de beneficiamento de erva-mate.

12. **Carlos Lange**, negociante, bom conhecedor das leis brasileiras, tendo em virtude, de tais conhecimentos, atuado muitas vezes como advogado. Exerceu ao mesmo tempo as funções de primeiro agente do correio de Joinville. Pai do falecido médico Carlos Lange.

(Continua no próximo número)

## *Tiro ao alvo: uma tradição secular*

Ely Herkenhoff

As atuais sociedades de tiro ao alvo — meramente esportivas — são remanescentes das antiqüíssimas corporações de atiradores, existentes em muitas cidades da Europa desde a Idade Média — corporações de defesa formadas por grupos de burgueses, habitantes das cidades, em face das arbitrariedades cometidas pelos aristocratas contra a burguesia. As corporações gozavam de prerrogativas especiais, conferidas pelas autoridades cidadinas, entre as quais o título de “Rei do Tiro”, ao melhor atirador do agrupamento. As primeiras corporações de atiradores apareceram por volta do ano de 1.200, na Bélgica, na Holanda e no norte da França, enquanto na Alemanha surgiram um pouco mais tarde, no século 14. Ao longo dos anos, porém, com as transformações políticas e as novas condições de vida dos povos, as agremiações de atiradores foram perdendo o seu caráter militar na Alemanha, transformando-se em associações puramente esportivas, com a prática do tiro ao alvo, tiro ao pássaro e outras modalidades. E pouco a pouco as festas populares, com o seu “Tiro de Rei”, foram se tornando os grandes acontecimentos nas cidades alemãs, de máxima importância — até mesmo política — já que em tais eventos participavam grupos de atiradores de várias cidades e até mesmo de países estrangeiros. Tais competições, sempre ansiosamente esperadas, representavam para a burguesia da época o mesmo que para a aristocracia eram os torneios, onde os

nobres cavaleiros exibiam orgulhosamente a sua destreza, combatendo uns contra os outros.

Deste modo, a tradição do tiro ao alvo, então já secular na Europa, veio transportada do além-mar para a recém-fundada Colônia Dona Francisca e o seu modesto núcleo chamado Joinville, onde, no segundo dia da festa de Natal, a 26 de dezembro de 1855, foi fundada a primeira sociedade de tiro ao alvo do Brasil, sob o nome de “Schuetzenverein zu Joinville” (Sociedade de Atiradores de Joinville).

A sugestão havia partido de um dos nossos pioneiros imigrantes em 1851, o jurista Dr. Adolf Haltenhoff, que mais tarde seria o nosso primeiro prefeito. Entre os fundadores encontramos nomes mais tradicionais de Joinville, como: Trinks, Ravache, Lange, Niemeyer, Plothow, Miers. Outros de vultos igualmente proeminentes da fase inicial de nossa história, mas hoje quase esquecidos, como: Aubé, Heeren, Wunderwald, Levenhagen, von Frankenberg, von der Osten, Poschaan, von Lasperg, Zinneck.

É evidente que a fundação de uma sociedade de tiro ao alvo na tão modesta colônia não obedecia tão somente ao desejo de reavivar uma velha tradição. Mais alto possivelmente falasse, naquele difícil início da colonização, a necessidade de um treinamento imediato e sistemático daqueles homens, oriundos de um meio civilizado, colocados face a face dos mil perigos desconhecidos do ambiente, da floresta habitada por

indígenas selvagens e animais bravos.

Poucos anos depois, a 8 de fevereiro de 1863, um grupo de imigrantes suíços fundava, na residência de Salomon Baggenstoss, a segunda sociedade de tiro ao alvo, sob o nome de "Schuetzenverein zum Gruetl"; uma sociedade que, por motivos hoje insondáveis, teve pouca duração até 1865, talvez — enquanto a primeira floresceu, durante mais de 80 anos, como entidade esportiva, ao lado da "Deutscher Turnverein zu Joinville" (Sociedade Alemã de Ginástica de Joinville), fundada em 1858, e como agremiação sócio-cultural em meio às sociedades de teatro amador, de música, de canto coral ou de simples recreação, que foram surgindo à medida que a cidadezinha ia crescendo. As festas populares, muitas beneficentes, reuniam não poucas vezes sociedades congêneres de outras cidades e outros estados.

Durante mais de meio século, foi a única sociedade do gênero existente na zona urbana de Joinville — fato este que, à primeira vista, nos surpreende, mas será perfeitamente compreensível, em face dos muitos "salões" existentes e que ofereciam, não apenas bailes públicos, mas freqüentemente domingueiras com animadas competições de tiro ao alvo, conferindo prêmios aos vencedores. Os "salões" quase sempre eram conhecidos pelos nomes dos colonos, como Salão Eicholz, Salão Schramm, Salão Baumer, e se localizavam, uns no perímetro urbano, outros ao longo das estradas da zona rural.

No ano de 1894, surgiu a primeira sociedade de tiro ao alvo

longe da cidade, no distrito de Pirabeiraba, sob o nome de "Schuetzenverein Pirabeiraba". É possível, e provável até, que a fundação tenha sido consequência dos acontecimentos que abalaram profundamente a vida não só da Colônia Dona Francisca ou do Estado de Santa Catarina, mas de todo o Sul do País. Era a Revolução Federalista, que chegava a Joinville nos primeiros dias de novembro de 1893. O chefe dos revolucionários, após uma tentativa frustrada de recrutamento dos membros do Corpo de Bombeiros Voluntários, fundado em 1892, dos ginastas e dos atiradores, acabou entregando a guarda da Cidade ao Comandante do Corpo de Bombeiros, Feliz Heinzemann, que assim, após a chegada dos revolucionários rumo ao Paraná, assumiu o posto de comando, zelando pela ordem, com os seus bombeiros e um grupo de atiradores.

A 9 de dezembro de 1905 fundava-se a "Schuetzenverein Katharinenstrasse" (Sociedade de Atiradores Estrada Catarina) — sendo de notar que a "Katarinensstrasse" era a Estrada Santa Catarina, hoje incluída no perímetro urbano da cidade. Em agosto de 1906 mais uma fundação na zona rural: era a "Schuetzenverein Jaraguá", no distrito então pertencente a Joinville. E, dois anos mais tarde, era a vez de outra sociedade na zona rural: a 20 de novembro de 1907 surgiu a sociedade "Schuetzenverein Tell", no Km 19 da Estrada Dona Francisca, uma sociedade com longa trajetória a percorrer, até os dias atuais.

A 5 de abril de 1912 deu os seus primeiros passos outra grande sociedade: "Schuetzenverein

Mittelweg" (Sociedade de Atiradores Caminho do Meio), que em outubro de 1913 festejou, com grandes festas, a sagração de seu estandarte. O nome "Mittelweg" indica o local da sede: no alto da Rua Quinze de Novembro, que durante longos anos se chamava "Mittelweg" ou seja, Caminho do Meio. Foi uma de nossas mais importantes agremiações de tiro ao alvo, durante mais de 30 anos.

No mesmo ano de 1912, um grupo de associados da veterana "Joinville" desligou-se, por quaisquer desentendimentos, fundando então o "Teuto-Brasilianischer Schuetzenverein" (Sociedade Teuto-Brasileira de Atiradores). A 9 de julho de 1921, porém, voltaram a formar a "Sociedade de Atiradores Joinville".

Em 1917 surge a "Schuetzenverein Bananal", no distrito de Bananal, então pertencente a Joinville, hoje cidade de Guaramirim.

A partir deste século, sucediam-se, sempre em escala crescente, as fundações de sociedades de atiradores, tanto na cidade como na zona rural, com os mais diversos nomes "Zum Nordpol" (ao Pólo Norte), "Zum Suedpol" (ao Pólo Sul), Teutônia, Harmonia, Zentrum, Esperança, "Dreieinigkei" (Trindade) "Glória" e assim por diante.

E, como não podia deixar de acontecer, antes mesmo do final do século já se faz presente a mulher joinvillense — para a disputa de prêmios, em competições de tiro ao alvo, organizadas pelas so-

iedades recreativas, sob o nome de "Damen-Preisschiessen" (Competição de tiro para senhoras), sempre muito animadas. E a partir da década de vinte são várias as associações femininas de tiro ao alvo, tanto na cidade como na zona rural: "Frauenwindbueschenklub Zentrum" (Clube Feminino de Espingarda de Pressão Centro), "Frauenschiessklub Victória" (Clube Feminino de Tiro Victória), com sede na Estrada do Parati, "Frauenschiessklub Froehlichkeit" (Clube de Tiro Feminino Alegria) e assim por diante.

Em 1938 — antevéspera da 2ª. Guerra Mundial — teve início, em todo o país, a Campanha de Nacionalização, decretada pelo Governo Getúlio Vargas. Em consequência, as sociedades existentes com nomes tradicionalmente alemães mudaram as suas denominações, como, por exemplo, a tradicional "Mittelweg", que passou a se chamar "Sociedade Esportiva de Atiradores Brasil", o mesmo acontecendo com todas e quaisquer agremiações existentes com nomes alemães.

A partir de agosto de 1942, quando o Brasil se viu definitivamente envolvido na 2ª. Guerra Mundial, a quase totalidade de nossas agremiações fundadas por alemães e descendentes de alemães encerrou as suas atividades, por força das circunstâncias. Algumas das sociedades conseguiram ressuscitar depois do vendaval — a esmagadora maioria desapareceu para sempre.

Uma de nossas tradicionais

**MAFISA** Uma etiqueta facilmente encontrada em todo o comércio brasileiro. O aprimoramento constante do que produz, tornou MAFISA tão obrigatório o uso dos seus produtos quanto o desejo dos brasileiros de conhecer Blumenau e seu povo.



sociedades de tiro ao alvo da zona rural, a "Schuetzenverein Tell", fundada em novembro de 1907 no Km 19 da Estrada Dona Francisca, com nome do lendário herói suíço, foi reorganizada já em 1948, sob o nome de "Sociedade Recreativa de Bolão e Tiro ao Alvo Rio da Prata". Em 1983 construiu uma nova sede, no local da primitiva. A sociedade é mantenedora do grupo folclórico "Silberfluss" (Rio da Prata), fundado a 9 de maio de 1974.

Outra sociedade, fundada a 1.º de agosto de 1923 com o nome de "Schiesklub Ipiranga" (Clube de Tiro Ipiranga), igualmente ressurgiu depois da guerra, tendo o nome de Sociedade Esportiva e Recreativa Ipiranga".

Mais tarde, outras sociedades foram surgindo, como a Sociedade Esportiva e Recreativa Vera Cruz, fundada em 5 de agosto de

1954 e a Sociedade Esportiva e Recreativa Alvorada, existente desde 15 de julho de 1960, e várias outras, conforme mostra a relação das agremiações atualmente existentes, que são as seguintes:

Rio da Prata, Alvorada, Vera Cruz, Ipiranga, Esmeralda, Cruzeiro, Joinville, Operário, Bom Retiro, Guarani, Diana, Piraí e Colón.

É evidente que a exposição acima é necessariamente falha, já porque, inúmeros documentos, preciosíssimos, foram destruídos durante a Guerra — fato este que dificulta enormemente qualquer pesquisa. É certo, porém, que a tradição do tiro ao alvo, trazida pelos nossos pioneiros, floresceu e refloresceu vigorosamente, ao longo dos anos, nesta nossa cidadezinha assentada às margens do Cachoeira, o rio de águas límpidas, salubres e piscosas...

---

## Aconteceu...

Abril de 1986

---

— DIA 2 — O Serviço de Terminais Rodoviários (Seterb) fez um balanço de crescimento do movimento de passageiros e ônibus durante o período da Páscoa. O crescimento foi de 40,72% em relação ao mesmo período do ano passado. De acordo com o relato apresentado, o movimento deste ano foi de 15.654 passageiros que partiram e 13.166 que chegaram, enquanto que outros 12.939 passaram em trânsito. Somando tudo, chega-se a um total de 41.759 passageiros o movimento geral deste ano, enquanto que no ano passado atingiu a apenas 29.674.

\* \*

— DIA 2 — Esteve em Blumenau o embaixador do Egito no Brasil, sr. Mokhless Goba, que fez visitas a duas indústrias blumenauenses: Artex e Dudalina.

\* \*

— DIA 2 — O Engenheiro Paulo Oscar Baier, também vice-prefeito de Blumenau, que já vinha ocupando cargo técnico num departamento do DNOS, foi nomeado Diretor Geral daquele órgão, ou seja,

do Departamento Nacional de Obras e Saneamento, quando ocupava as funções de Diretor de Projetos Especiais daquele mesmo órgão. A nomeação teve ampla e positiva repercussão em Blumenau e em toda a região do Vale do Itajaí.

\* \*

— DIA 5 — Com a presença de numeroso público procedente de todos os recantos brasileiros assim como autoridades entaduais e do país, teve início, na cidade de São Joaquim, capital brasileira da maçã, a Festa Nacional da Maçã.

\* \*

— DIA 6 — 415 jovens, dispensados do Serviço Militar por excesso de contingente, receberam, em solenidade presidida pelo prefeito Dalto dos Reis, os seus certificados de isenção. Todos eles novos reservistas, pertencem à classe de 1967. Na oportunidade, deu-se também a solenidade do juramento à bandeira, ocasião em que o prefeito Dalto dos Reis lembrou que "Prestação do serviço militar é, mais que um dever, um direito do cidadão brasileiro" e que a dispensa da incorporação é revertida em forma de apoio às mais diversas causas".

\* \*

— DIA 7 — No saguão da FURB, realizou-se a solenidade de abertura da Exposição dos poemas do grupo de poetas de varal, com a Noite de Autógrafos dos Livros "Antologia Poética de Cidades Brasileiras — Escritores Brasileiros II". Autores: Carlos Vinci, Diva Zaret Rangel, Elisa Probst, Isabel Mussi Schramm, José Endoença Martins, Leonor Luzia Largura, Lourival Goedert, Maria José Ribeiro e Valdemiro Ramos.

\* \*

— DIA 9 — Em carta recebida pelo prefeito Dalto dos Reis, do prefeito administrativo da cidade de Volfsburg, na Alemanha, sr. Peter Lamberg, este reafirmou sua disposição de manter os cursos de aperfeiçoamento que ofereceu a funcionários da Prefeitura de Blumenau, notadamente na área do ensino.

\* \*

— DIA 9 — Vítima de complicações pulmonares, faleceu Frei Cdo Rosbach, que esteve radicado ao Convento Santo Antônio de Blumenau desde 1940. Procedente da Alemanha, frei Cdo se notabilizou pelo seu trabalho comunitário, especialmente por ter fundado a Escola Técnica de Comércio de Blumenau, hoje o Colégio Santo Antônio. No ano passado comemorou seus 50 anos de sacerdócio. Seu falecimento causou a mais profunda e sentida repercussão na comunidade blumenauense, onde era vastamente estimado.

\* \*

— DIA 10 — O prefeito Dalto dos Reis anunciou, que cerca de 12 mil pessoas entre crianças, na faixa etária de zero a 35 meses, gestantes e mães em fase de amamentação, são beneficiadas pelo programa de alimentação desenvolvido pela administração municipal e o governo federal.

\* \*

— DIA 11 — Com várias solenidades cívico-militares, o 23º. Ba-

talhão de Infantaria, sediado em Blumenau, festejou a passagem de seus 47 anos de instalação. As solenidades contaram com a presença de autoridades civis e numerosas pessoas representando a comunidade blumenauense.

\* \*

— DIA 12 — Nas primeiras horas da noite irrompeu violento incêndio que destruiu totalmente a Casa Caça e Pesca, situada à rua 15 de Novembro, tendo o fogo atingido o estabelecimento comercial também localizado ao lado da casa sinistrada. As chamas eram volumosas e os bombeiros nada puderam fazer para impedir o alastramento do fogo, limitando-se os homens do fogo a conter as chamas que ameaçavam outras casas situadas na rua 15 de Novembro, o que felizmente conseguiram. Os prejuízos foram totais.

\* \*

— DIA 14 — Com a presença de mais de 150 pessoas e presididas pelo prefeito Dalto dos Reis, realizaram-se as solenidades de inauguração do prédio destinado a abrigar a Biblioteca “Dr. Fritz Müller” e o Arquivo Histórico “Prof. J. F. da Silva”, obra construída com a participação, além do governo municipal e do estadual, numerosas outras entidades comerciais e industriais, bancos, etc. O acontecimento causou a mais agradável repercussão em todo o município de Blumenau.

\* \*

— DIA 15 — Com o objetivo de divulgar algumas técnicas e princípios de conservação do solo, realizou-se, no auditório do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial, a solenidade de abertura do Seminário sobre “Conservação do Solo em obras de Terraplenagem”, promovido pela AEMA da Prefeitura de Blumenau.

\* \*

— DIA 16 — Relatório da Secretaria de Agricultura entregue ao prefeito Dalto dos Reis, informa que as feiras livres espalhadas pela cidade e bairros comercializaram, entre março e abril, 144 mil quilos de frutas e verduras e 113 toneladas de produtos coloniais.

O relatório destaca ainda que a Secretaria aplicou 188 ampolas em inseminação artificial, das raças Gir, Holandesa Guzerad e Nelore. No Horto Florestal foram vendidas 1.076 mudas e doadas 1.723. Foram também distribuídas mudas de morangos, beneficiando 175 famílias, com um total de 48 mil mudas.

\* \*

— DIA 24 — Com a presença de grande público, o prefeito Dalto dos Reis, presidiu a inauguração da Praça Champs Eliséé, no bairro da Velha, obra que foi idealizada e construída, em grande parte, com recursos da própria comunidade local, com auxílio da Prefeitura Municipal. O acontecimento foi muito festejado, pois trouxe largos benefícios para a coletividade mirim daquele bairro.

\* \*

— DIA 29 — Nas eleições realizadas na FURB, para a escolha do novo reitor, verificou-se a eleição do prof. José Tafner, tendo sido eleito vice-reitor o prof. João Joaquim Fronza. A chapa vencedora recebeu 2.053 votos.

## Basilio C. de Negreiros, um mito histórico?

Rolf Odebrecht

O conceituado e tradicional diário "A NOTÍCIA", de Joinville, sem dúvida órgão líder da imprensa catarinense, e Revista "Blumenau em Cadernos", aquele em sua edição de 16 de fevereiro último e esta na de 16 de janeiro, publicam, sob o título acima, extensa e oportuna entrevista obtida do Prof. José E. Finardi, onde este dedicado estudioso da colonização italiana no Vale do Itajaí, pulveriza de forma que achamos completa e definitiva, divergência histórica, surgida de distorções ensaiadas por interessados que, sem fundamentos históricos, abordavam os primórdios do município de Rio do Sul.

Nessa entrevista, o pesquisador Prof. Finardi, detalha, com minúcias, os eventos que marcaram o início da colonização desse progressista município catarinense, antigo território da Colônia de Blumenau, dando um "basta" definitivo às conjecturas que se publicaram referente à fundação de Rio do Sul, seu fundador e seus primeiros moradores. Repito, o abalizado historiador detalha com minúcias os eventos, minúcias essas que não se baseiam em conclusões, conjeturas ou afirmações levianas de terceiros, mas sim em documentos realmente existentes.

De fato, na entrevista, por sinal muito bem lançada pelo repórter, são consignados de forma exaustiva e comprovada, os fatos históricos que confirmam sobejamente e sem qualquer dúvida, de que Basílio C. de Negreiros não foi o primeiro morador, nem sequer o primeiro balseiro de Rio do Sul (Suedarm ou Braço do Sul como era conhecida a passagem do rio na época, no lugar onde hoje se localiza a próspera Rio do Sul), não se lhe podendo atribuir, assim, a honra de fundador do município. Município esse que foi colonizado por imigrantes vindos de Blumenau e das zonas de colonização italiana de Rodeio e Acurra.

Uma vez que certos conjeturistas gostam de falar em fundação de Rio do Sul ou fundador, inclusive com distorções históricas, daremos a seguir a seqüência das passagens de grupos de homens brancos (os índios viviam lá há séculos) por Rio do Sul, bem como os primeiros moradores e balseiros, embora no que tange a estes a entrevista do estudioso escritor Prof. Finardi não deixe qualquer dúvida. Marcaram sua passagem por Rio do Sul, a serviço (outros podem ter estado lá atrás de caça ou por outro motivo sem no entanto deixarem relatos), os seguintes homens, salvo equívoco:

1 — Lá pelos idos de 1857, o Capitão Pinto, do Corpo de Batedores de Mato da Província, acompanhado de 25 homens, cumpriu a ordem de descer o Rio Itajaí do Sul, partindo da Colônia Militar de

**KARSTEN** Mais de cem anos conceituando a indústria têxtil blumenauense e gerando divisas para o país pela volumosa exportação de produtos da mais alta qualidade.

Santa Tereza, localizada no atual município de Alfredo Wagner, até encontrar a Colônia do Dr. Blumenau. Este foi o primeiro grupo de homens brancos a passar pelo lugar onde se encontra a cidade de Rio do Sul.

2 — Em 1863. O Eng<sup>o</sup>. Emílio Odebrecht, também com um grupo de homens e diversas canoas, por ordem do Dr. Blumenau, tentou chegar ao Alto Vale do Itajaí. A expedição, todavia, retornou da região dos saltos, entre Subida e Riachuelo.

No ano seguinte, em 1864, organizou a 2<sup>a</sup>. expedição para alcançar o Alto Vale, tendo sido coroada de pleno êxito. Os saltos foram vencidos e boa parte do Alto Vale foi visitada e explorada, sempre a canoa; e extenso relatório foi escrito sobre a viagem.

Três anos mais tarde, em 1867, após voltar da Guerra do Paraguai — por ter contraído febre palustre — Odebrecht organizou a terceira expedição, por conta da Colônia Blumenau, e esta com o objetivo de ligar a Colônia aos Campos Gerais do Estado. Via Itajaí, Florianópolis, Barracão (atual Alfredo Wagner), e Lages chegou a Curitiba, que usou como ponto de partida para, via mata virgem, achar uma maneira de chegar à Colônia de Blumenau, trajeto esse que foi vencido em 35 dias.

3 -- Em 1874 foi efetuada a exploração e locação do futuro picadão Blumenau-Curitiba. Mais uma vez foi tarefa que coube a Odebrecht e seus homens.

4 — Nos anos seguintes diversas turmas abriram a picada traçada por Odebrecht, passando por Rio do Sul até os campos de Curitiba. A testa dessas turmas de trabalhadores se destacou, entre outros, Gottlieb Reif.

5 — No segundo semestre de 1878 apareceu em Blumenau, tendo passado pela atual Rio do Sul, a primeira tropa vinda do planalto, com carregamento de mercadorias ali produzidas (fumo em corda, charque, queijo, etc.), que os tropeiros trocaram por gêneros de produção da Colônia, ou aqui venderam.

6 — A construção da primeira balsa para o Passo de Humaitá, primeira denominação da atual cidade de Rio do Sul, foi encomendada pelo Dr. Blumenau em 1879. Não existem notícias dessa balsa, acredita-se que nunca chegou a ser construída.

Somente em 1890 o picadão Blumenau-Curitiba recebeu sua balsa para transpor cargas e passageiros à outra margem do Braço do Sul, tendo sido contratado Karl Schroeder como balseiro.

7 — Em 1885, Paul Schwarzer, Juiz Comissário de Terras e advogado com escritório em Blumenau, viajou aos campos de Curitiba, a serviço e em seu relato diz entre outras cousas: "... antes de escurecer chegamos ao Braço do Sul, cujas águas num leito de mais ou menos 300 pés de largura são mansas, formando um poço sereno e profundo. Acampamos numa pequena elevação à margem do rio. A picada, tanto para baixo como para cima, estava praticamente fechada. Um estreito descampado proporcionou-nos lugar para a barraca,

para o fogo e para nossos animais”, e mais adiante: “Na manhã seguinte construímos uma pequena balsa com troncos de madeira, amarrados com cipó, e assim atingimos a outra margem”.

8 — Em 1893 passaram por Rio do Sul os maragatos Gumerindo Saraiva, Paulino das Chagas e Jorge Wallau, com seus mais de dois mil homens armados, vindos do Rio Grande do Sul, pelo passo do Rio Pelotas, pelo planalto catarinense e, por fim, pelo picadão de tropeiros acima referido. A respeito são sobejamente conhecidos os relatos pitorescos de Alfredo Jost, que acompanhou os revolucionários na qualidade de farmacêutico e enfermeiro, e que mais tarde se estabeleceu no Vale do Itajaí, tendo morado em Blumenau, Ibirama e Rio do Sul.

O professor Finardi diz acertadamente que o primeiro balseiro de Rio do Sul, Karl Schroeder, foi vítima de emboscada dos índios, e se refugiou, com seu filho Heinrich, de 10 anos de idade, no pouso da Pastagem (hoje Agrônômica). Ao voltar encontrou seu rancho destruído e saqueado e abandonou seu cargo e retornou a pé para Rio dos Bugres (hoje Apiúna), para se unir aos seus demais familiares. A esse respeito o abaixo firmado procurou, na década de sessenta, três irmãos e um filho de Heinrich Schroeder, que aos 10 anos de idade cuidou, juntamente com seu pai, da balsa de Rio do Sul (este é filho de Karl, que não deve ser confundido com o Heinrich Schroeder, primeiro morador e abastado comerciante de Lontras — SC, e que por sua vez é primo-irmão daquele). São eles: Erwin, naquela ocasião residente em Ribeirão Pinheiro, no município de Taió. Gustavo Schroeder, 2º. filho de Heinrich e Anna, nata Bunde, trabalhou cerca de 25 anos na serraria de Oswaldo Odebrecht, em Ribeirão Pinheiro, Taió, como serrador, chefe e gerente de serraria.

Acerta na mosca o professor Finardi, igualmente, quando nega os 30 anos que, segundo alguns, Basílio fôra companheiro fiel do Engº. Odebrecht. A nosso ver nada mais falso que afirmar de que Basílio trabalhou trinta anos com esse pioneiro. Temos a impressão que, por lapso, houve quem confundisse Basílio com Vicente Leite. Este sim, pode ser considerado um companheiro fiel do velho engenheiro Odebrecht, em suas andanças pelos Estados de Santa Catarina, do Paraná e da zona litigiosa Brasil-Argentina, a serviço da Colônia de Blumenau, e do Governo Imperial e da República.

Vicente Leite, o segundo balseiro de Rio do Sul, nasceu em 02.09.1843 e faleceu em 20.01.1906, foi casado com Guilhermina (Wilhelmine) Huscher e dominava muito bem o idioma alemão, podendo-se dizer o mesmo de seus filhos. A placa de sua sepultura é em alemão e permanece mesmo depois da trasladação. Vicente Leite participou também da turma do Engº. Odebrecht — cujo superior imediato era o Barão de Capanema — que durante anos trabalhou em medições geográficas dos Rios Peperiguaçu, Santo Antonio, Chopim e Chapecô. Nas folhas mensais de pagamento de pelo menos 3 anos, feitas por Odebrecht nas regiões hoje conhecidas por Sudoeste do Paraná e Oeste Catarinense, sempre consta, entre muitos outros blumenauenses, o nome Vicente Manoel Leite. Afirmar, todavia, que Vicen-

te Leite trabalhou 30 anos com Odebrecht, achamos temerário, mas não impossível.

Basilio não foi, também, o 1º. morador de Rio do Sul. Acreditamos que o 1º. morador tenha sido Karl Schroeder, todavia só durante cerca de sete meses, isso em 1890. Em 1892 e 93 estabeleceram-se respectivamente, em caráter definitivo, às margens do Rio Itajaí do Sul, nas imediações da barra do Ribeirão Albertina, os colonos August Zirbel e Jacob Heuser. Vicente Leite, o 2º. balseiro de Rio do Sul, deve-se ter fixado no lugar em 93 e, mais tarde, por volta de 94, Basilio assumiu a balsa, tendo permanecido muitos anos no cargo.

O mito histórico Basilio C. de Negreiros, ligado aos primórdios de Rio do Sul, surgiu, como dissemos acima, de lapso de quem pode ter confundido este pioneiro com Vicente Leite. O mérito de Basilio — patriarca merecedor de todo respeito e líder religioso — foi o de iniciar o catolicismo na Colônia de Blumenau (com exceção de Gaspar, onde já existia capela católica independente), tendo construído a primeira capela em Rio Morto, perto da atual Indaial; no que confirmamos o teor da entrevista do Prof. Finardi, historiador que temos como sério e competente, a esse noticiário.

Parabenizamo-nos com "A Notícia" pelo belo trabalho de reportagem e por abrir espaço em suas páginas para dirimir dúvidas e fazer justiça para com a nossa história.

---

## *Centro Catarinense do Paraná*

Desta entidade, sediada à rua Presidente Faria, 372 — 1º. Andar — Sala 5 — Curitiba, recebemos a seguinte carta:

Curitiba, 26 de março de 1986.

À

Blumenau em Cadernos.

Alameda Duque de Caxias, 64

Blumenau — SC.

Prezado Senhor Diretor:

Tenho a satisfação de comunicar que por Catarinenses residentes no Estado do Paraná, foi fundado em 24 de abril de 1976, o Centro Catarinense do Paraná.

Em agosto de 1985, com mandato até agosto de 1987, com presença do Exmo. Sr. Etevaldo Silva Digníssimo Secretário de Estado de Indústria e Comércio de Santa Catarina, em jantar ao qual compareceram cerca de 900 catarinenses, foi empossada a diretoria eleita, constituída por: PRESIDENTE DE HONRA: Dr. Esperidião Amin; PRESIDENTE: Francisco Pinheiro (reeleito); VICE-PRESIDENTE: Itacy Cardoso; 1º. SECRETÁRIO: Horst Ingo Kilian; 2º. SECRETÁRIO: Custódio Lorenzoni (reeleito); ORADOR: Nelson Gramazio. DIRETORES: DIRETOR SOCIAL: José Mineiro Bittencurt; DIRE-

**MAJU**

Pela alta qualidade das confecções em malhas que produz, tornou-se uma empresa de vanguarda nas exportações e no mercado brasileiro, e orgulho da indústria têxtil blumenauense.

TOR DE PUBLICIDADE, Francisco José Anacleto; DIRETOR DE PATRIMÔNIO, Hélio Souza (reeleito); DIRETOR ESPORTIVO, Francisco de Almeida Pires; DEPARTAMENTO CULTURAL, Vania Maria Cardoso; DIRETOR DE ASSISTÊNCIA SOCIAL, Getulio Lorenzoni; CONSELHO FISCAL: PRESIDENTE, Casto José Pereira. Marcelo Krieger, Jairo Marcelino da Silva, Jorge Bernardi, Nivaldo Bernardi. SUPLENTE: José Aristides Motta, Mariloude Cordova Ferreira, Adejair Mella, Vaneó José Vargas, João Juarez de Freitas Mello.

Dep. Relações Públicas — Alexandrino Barreto Neto.

Dep. de Imprensa — Hugo Santana.

Remetemos um cheque de Cz\$ 20,00 (Vinte cruzados) para o pagamento de uma assinatura da Revista "Blumenau em Cadernos" para o ano de 1986, para enriquecer sobremaneira a nossa ainda pequena biblioteca e proporcionar agradável entretenimento aos nossos sócios. No ensejo colocamo-nos ao inteiro dispor da Fundação "Casa Dr. Blumenau" para divulgação de matéria que julgardes conveniente.

Sendo o que nos oferece para o momento apresentamos nossos protestos de mais distinta consideração.

Atenciosamente,

**Horst Ingo Kilian**

1º. Secretário

---

## B L U M E N A U

**Texto extraído do livro "Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana" de PAUL SINGER**

(Continuação do número anterior).

No fim do século, para uma população total do município de 32.000 habitantes, havia apenas 4.000 pessoas vivendo na cidade. O mercado urbano era, portanto, pequeno. A criação de indústrias, entretanto, ao provocar a urbanização, desencadeou um processo acumulativo: o mercado urbano em crescimento estimula os camponeses a comercializar maior parte de sua produção; com o dinheiro assim ganho os agricultores adquirem mais produtos industriais, o que permite nova expansão da indústria e esta, por sua vez, volta a expandir a cidade, alargando o mercado urbano, etc. Foi este o processo de industrialização de Blumenau, em sua primeira fase, e nele desempenharam um papel decisivo a expansão da rede de transporte para articular os mercados urbano e rural e o sistema comercial, que para distribuir os produtos industriais, teve que adquirir autonomia (deixando de ser atividade lateral de agricultores) e caráter capitalista.

O crédito também constitui importante economia externa para a indústria. Em Blumenau fundou-se a primeira Caixa Econômica em 1907, sob o nome de "Sindicato Agrícola", mas em cujo primeiro Conselho Administrativo de 3 membros figurava Bruno Hering, do grupo in-

**E. A. V. CATARINENSE** Acha-se integrada na história do pioneirismo dos transportes coletivos em SC



dustrial do mesmo nome e o tesoureiro era A. Schrader, então prefeito de Blumenau e depois Diretor-gerente da Empresa Têxtil Garcia (outra grande firma blumenauense), além de fundador (em 1935) de uma indústria de gases medicinais. Como se vê, estava a indústria bem representada nesta instituição financeira, que só durante o ano de 1908 (primeiro do seu funcionamento) alcançava 185 contos de depósitos, os quais chegaram a 324 em 1909, 281 em 1910 e 487 em 1915. A partir desta época pôde a indústria de Blumenau (assim como a agricultura e o comércio) contar com financiamentos de origem local, de certo vulto.

Outro fator que contribuiu para a industrialização foi a instalação de usinas hidrelétricas, a primeira das quais em 1909 e a segunda, bem maior, em 1915, esta financiada por uma firma de São Paulo.

Verifica-se, pois, que entre 1907 e 1909 concluíram-se vários empreendimentos — estrada de ferro, banco e usina de energia elétrica — que haviam de proporcionar as condições para um novo impulso industrializador. Duas fiações foram acrescentadas a tecelagens já existentes, em 1913/14; a indústria moderna de laticínios (em contração à caseira) foi iniciada em 1909, o mesmo acontecendo com outras indústrias de base agropecuária (de fécula, de banha, etc.), que se desenvolveriam durante a guerra de 1914/1918.

A eclosão, logo a seguir, da 1ª. guerra mundial, influenciando profundamente a economia do país, criou condições para que o impulso se mantivesse e se ampliasse.

#### **VI — A economia de Blumenau se integra no mercado nacional (1914-1950)**

No período que se inicia com a 1ª. Guerra Mundial, a população de Blumenau cresce rapidamente, devido principalmente ao excesso de nascimentos em relação aos óbitos. A imigração prossegue, mas seu papel é secundário. O Censo de 1920 dá 72.213 habitantes ao município. Se considerarmos que a população deve ter sido da ordem de 54.000 habitantes em 1912, o aumento pode ser atribuído numa proporção de 19% à imigração (3.576 imigrantes entre 1913 e 1922) e 81% ao crescimento vegetativo (15.308 no mesmo período). No decênio seguinte as proporções continuam na mesma ordem:

**Imigração (1923/32): 5.409 — 16%**  
**Crescimento Vegetativo (1923/32): 27.935 — 84%**

33.344

o que mostra que a diminuição do movimento imigratório causado pela Guerra não alterou fundamentalmente os fatores de crescimento demográfico. Como já assinalamos, a partir de 1883, Blumenau deixa de ser um centro essencialmente imigratório, passando a se desenvolver de forma mais autônoma. Examinando-se o Gráfico nº. 1 sobre a imigração alemã para o Brasil, verificamos que o período de antes e de após a 1ª. Guerra assistiu ao auge desta imigração: 8.000 imigrantes em 1913, quase outro tanto em 1921, 5.000 em 1922, mais de 8.000 em 1923 e 22.170 em 1924 (máximo absoluto em 130 anos!). O mesmo gráfico mostra, no entanto, que o número de imigrantes alemães

vindos a Blumenau é, em média, de apenas 3 a 4 centenas por ano, o que demonstra que a ex-colônia já não constitui ponto significativo de atração de elementos germânicos que se dirigem para cá. É verdade que a atividade colonizadora continua. Terrenos à margem do Itajaí do Norte foram cedidos, por exemplo, à Companhia de Colonização Hanseática, no começo do século, a qual os loteou e, para os valorizar iniciou, em 1905, as obras do que seria mais tarde a E. F. Santa Catarina. Mas, no cômputo geral do desenvolvimento de Blumenau, esta atividade colonizadora — realizada nos moldes descritos acima — não tinha mais o destaque que possuía nos primeiros 3 decênios da colonização.

O período em consideração se abre com a 1ª. Guerra Mundial, cujos efeitos sobre a economia do país são conhecidos: queda das importações, devido ao desenvolvimento bélico de nossos fornecedores, portanto, aceleração do processo de substituição de importações e conseqüentemente expansão da indústria nacional. Como se refletem estas circunstâncias sobre a economia de Blumenau? Vejamos os dados do seu comércio externo:

**TABELA VIII**

Exportações e importações de Blumenau					
Ano	Export.	Exp./Cap.	Exp./Cap. Defl.		
1915/18	4.144:029	69\$760		27\$600	
1919/22	9.406:854	135\$345		36\$700	
1923/26	27.410:763	309\$375		60\$700	
1927	32.838:467	328\$770		55\$600	
1928	36.344:510	356\$920		61\$600	
Ano	Import.	Imp./Cap.	Imp./Cap. Deflac.	Deflator	1883 = 100
1915/18	1.738:510	29\$250	11\$550		253
1919/22	9.254:975	133\$200	36\$000		369
1923/26	21.802:145	246\$100	48\$300		510
1927	27.073:215	288\$500	49\$800		589
1928	27.704:248	271\$600	46\$900		580

Fontes: JENSEN, G., EMMENDOERFER, Fr. E., ZIMMERMANN, P. J., "Exportação e Importação", in *Centenário de Blumenau*; ÓNODY, O., *A Inflação Brasileira*.

**BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S. A.**

**banespa**

Um dos colaboradores nas edições desta revista

# FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

## São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;

Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

## A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico — Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

Tipografia e Encadernação

Conselho Curador: Presidente — *Alonso Rabe*; vice-presidente — *Antonio Pedro Nunes*.

Membros: *Elimar Baumgarten — Rolf Ehlke — Nestor Seára Heusi — Ingo Wolfgang Hering — Martinho Bruning — Urda Alice Klueger — Frederico Blaul — Frederico Kilian — Olivo Pedron.*

Diretor Executivo: *José Gonçalves*

MUITA GENTE QUE FEZ A HISTÓRIA COLONIZADORA EM NOSSA REGIÃO, JÁ VESTIA A MACIEZ DAS CAMISETAS E ARTIGOS HERING.

QUANDO SE FALA NA HISTÓRIA DE NOSSOS PIONEIROS, LEMBRA-SE DOS IRMÃOS HERING, QUE HÁ MAIS DE CEM ANOS INSTALARAM A PRIMEIRA INDÚSTRIA TÊXTIL EM BLUMENAU.

HOJE "BLUMENAU EM CADERNOS" E A HERING TÊM MUITO EM COMUM, ACREDITAMOS NA NOSSA TERRA E NOS VALORES DA NOSSA GENTE.



**Cia. Hering**  
BLUMENAU - SANTA CATARINA